

GALERIA HOMERO MASSENA: 30 ANOSBernadette Rubim Teixeira¹**Resumo**

O objetivo dessa comunicação é apresentar a história da Galeria Homero Massena como um espaço importante no processo de atualização da arte em Vitória. Inaugurada em 31 de março de 1977, a Homero Massena é um dos primeiros espaços no Espírito Santo especialmente criado com a finalidade de abrigar exposições de Artes Visuais. Surge numa época em que começam a ocorrer mudanças no pensamento e fazer artístico de alguns jovens que não aceitam mais os valores estéticos defendidos na Escola de Belas Artes. Quebrando a hegemonia da arte acadêmica na Capital, esses artistas invertem a diretriz do pensamento artístico e voltam suas investigações e reflexões para os postulados da arte contemporânea. Desde então a Galeria Homero Massena tem sido um espaço que dá visibilidade à produção de artistas em início de carreira e durante seus 31 anos de existência vem atuando como agente de difusão e intercâmbio cultural. Ao promover também exposições de artistas de fora do estado, contribui para a oxigenação do ambiente artístico, ampliando não só as possibilidades do pensar e fazer a arte, mas oportunizando ao público local experiências estéticas diversificadas. Seu acervo de mais de 300 obras, formado por doação em contrapartida pela utilização do espaço, constitui um importante painel das Artes Visuais no Estado. Por fim, pretendemos mostrar a contribuição da Galeria Homero Massena na validação e consolidação da carreira de artistas capixabas contemporâneos que iniciaram suas trajetórias na década de 80, alguns atuando hoje no cenário artístico nacional e internacional.

Palavras-chave: galeria, história, exposições

Abstract

The goal of this communication is to present the history of the Homero Massena Gallery, as an important center in the process of Vitória's arts actualization. Founded on March 31st of 1977, Homero Massena is one of Espírito Santo's first spaces created exclusively to hold and present Visual Arts. Born in a time where changes began to happen in the thinking and making of art, from youngsters who did not accept anymore the old 'Belas Artes' school. Breaking the hegemony of academic art in the Capital, those artists invert the artistic thinking direction, and begin to put their investigations and reflections on the contemporanean arts postulates. Ever since then, Homero Massena Galery has been a space that gives visibility to the new arriving artists, and over it's 31 years of existence acts as a spreading and interchanging agent. By promoting also expositions from artists from other states, contributed to a oxygenation of the artistic environment, expanding not only the possibilities of making and thinking art, but also offering to the public a diversity of esthetic experiences. It's inventory contains over 300 works, mostly from donated works from artists that exposed there, is a very important panel of the State's Visual Arts. At last, we intend to show the contribution of Homero Massena Galery on the validation and consolidation of contemporanean artist's careers, who began their way on the 80's decade, some acting today on the national and international artistic cenary.

Key Words: galery, history, exhibition

¹ Mestranda em Artes, PPGA-UFES. Bacharel em Artes Plásticas e Ciências Sociais.

No final da década de setenta do século passado, a cidade de Vitória assistiu à abertura de duas galerias voltadas para a arte contemporânea: a Galeria de Arte e Pesquisa da UFES, em 1976 e o Centro de Artes Homero Massena, em 1977. A criação das duas galerias, além de suprir a carência de espaços expositivos na capital, deu um novo fôlego à produção de jovens artistas, contribuindo para a oxigenação do pensamento e fazer artísticos, exibindo os primeiros sinais de mudança que ocorriam na arte capixaba naquele momento.

Durante a primeira metade do século XX, artistas e intelectuais capixabas permaneciam apegados ao gosto da paisagem que tinha como modelo os pintores Levino Fanzeres (1884-1956)² e Homero Massena (1885-1974)³, permanecendo alheios aos eventos artísticos nacionais como a Semana de Arte Moderna de 1922, a abertura dos Museus de Arte Moderna do Rio e São Paulo nos anos 40 e a 1ª Bienal de São Paulo em 1951. A própria imprensa não registra “nenhum tipo de debate sobre a linguagem e as proposições modernistas⁴.”

O Instituto de Belas Artes, criado em 1909, foi fechado em 1913 e pouco contribuiu para modificar o panorama artístico local. Em 1951, foi criada a Escola de Belas Artes, no entanto, a sua inauguração não serviu para alavancar mudanças na produção artística pois o ensino permaneceu atrelado a princípios acadêmicos, focado especialmente na arte antiga egípcia e grega. Ao rejeitar as rupturas estilísticas do seu tempo, essa proposta de ensino impediu a atualização dos futuros artistas e influenciou na formação de público, uma vez que a própria crítica⁵ contribuía para cristalizar a estagnação dos conceitos e gosto artístico ao enfatizar a preferência pela arte acadêmica e a rejeição ao modernismo. A partir de 1956, com o processo de federalização da Escola de Belas Artes, há uma renovação do corpo docente com a contratação de vários professores e artistas como Maurício Salgueiro, João Vicente Salgueiro, Raphael Samu e Jerusa Samu, oriundos do Rio de Janeiro e São Paulo. O ensino recebe uma nova orientação e os alunos passam a ter contato com a produção contemporânea através dos Festivais de Inverno de Ouro Preto e da visita a mostras nacionais importantes no eixo Rio-São Paulo. Em 1965 é criado o Museu de Arte Moderna e a realização de mostras e salões nacionais divulgam em Vitória “... as sintaxes, os suportes e linguagens mais inovadoras, além de contribuírem para introduzir alguma mudança na reflexão e no gosto artístico local⁶.”

Mas é no final da década seguinte, que os sinais dessa renovação começam a se fazer notar, mais especificamente nos anos de 1976, com a abertura da Galeria de Arte e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo e em 1977, com a criação do Centro de

² Natural de Cachoeiro de Itapemirim(ES), ingressou na ENBA/RJ em 1910, obteve o Prêmio de Viagem à Europa em 1912.

³ Natural de Barbacena (MG), estudou Pintura, Urbanismo e Decoração na ENBA/RJ. Em 1912 obteve o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro/MG, permanecendo na França por 9 anos. Retornou ao Espírito Santo em 1951 para fundar a Escola de Belas Artes, atual Centro de Artes da UFES. Pintava paisagens, flores e cenas de pessoas em atividades diárias.

⁴ LOPES, Almerinda. Resumo da História da Arte no Espírito Santo: Século XX. **Relatório Escelsa 1999.**

⁵ Segundo Almerinda Lopes, entre os anos 40 e meados dos 50, o crítico Lindolfo Barbosa Lima escreveu regularmente no jornal A Tribuna sobre as exposições que aconteciam em Vitória e em outras partes do País. Também ministrou palestras na Escola de Belas Artes, onde afirmava sua preferência pela linguagem do passado. In: LOPES, Almerinda Silva. **A escola de Belas Artes e o contexto artístico capixaba no início dos anos 50.** br.geocities.com/anpap_2004/textos/chtca/Almerinda_silva.pdf-(acesso em 10.11.2008).

⁶ LOPES, Almerinda Silva. **A escola de Belas Artes e o contexto artístico capixaba no início dos anos 50.** br.geocities.com/anpap_2004/textos/chtca/Almerinda_silva.pdf-(acesso em 10.11.2008).

Artes Homero Massena, vinculado à Fundação Cultural do Espírito Santo.

O Centro de Artes Homero Massena, atual Galeria Homero Massena, foi inaugurado em 31 de março de 1977, junto com o Teatro Estúdio que funcionava no mesmo edifício. A proximidade dos dois espaços culturais e o movimento de pessoas que circulavam nos outros órgãos públicos situados no Edifício das Fundações provocavam um grande movimento de visitantes na Galeria, o que, aliado ao fato de ser o primeiro espaço em Vitória especialmente criado para exibição de Artes Visuais, tornava a Homero Massena um local concorrido pelos artistas expositores e com uma agenda de grande rotatividade, se considerarmos os parâmetros atuais de duração de exposições. Na década de 80 foi realizada uma média de 18 a 20 exposições por ano, 31 só no ano de 1980. Individuais e coletivas de pintura, desenho, xilogravura, fotografia ou cerâmica, sugerem uma disposição da galeria para abrigar diversas tendências e artistas. Segundo depoimento de José Augusto Loureiro⁷, o espaço era aberto àqueles que apresentassem uma proposta coerente de exposição, pois sendo um órgão público, deveria dar oportunidade a todos.

A identificação dos artistas que participaram da exposição inaugural “Coletiva de Artistas Capixabas” ainda depende de pesquisa em jornais ou revistas da época, pois não constam do convite nem de anotações na Galeria. Isso aponta para o fato de que a pesquisa sobre História da Arte do Espírito Santo esbarra em dificuldades de acesso à documentação, em virtude da inexistência de setores específicos voltados para a arte nos arquivos locais, bem como na dispersão de documentos e obras, o que exige persistência, tempo e determinação do pesquisador. No caso da Homero Massena, grande parte dos documentos referentes à sua criação, matérias sobre as exposições divulgadas na imprensa local ou dados sobre os artistas, não pode ainda ser consultada pois os arquivos da antiga Fundação Cultural, sob a guarda do Arquivo Público Estadual, ainda dependem de catalogação para serem disponibilizados. Tivemos acesso apenas à documentação existente na própria Galeria, às obras do acervo e textos de catálogos. Grande parte da sua história ainda está por ser registrada a partir de entrevistas com seus personagens. Outra dificuldade é que por se tratar de pesquisa inédita, sentimos falta de estudos similares capazes de nos servir de apoio indicando caminhos, confirmando ou contestando dados. Resta falar na carência de pesquisadores interessados em se debruçar sobre a história da arte no estado, o que se confirma pela observação das citações e referências bibliográficas que apresentamos neste trabalho.

Nossa pesquisa se concentra na história da Galeria Homero Massena e sua importância para a atualização da arte capixaba, focando as exposições realizadas por jovens artistas que iniciam suas carreiras nas décadas de 80/90.

Na cena artística internacional, o movimento de retorno à pintura figurativa anunciado no final da década de setenta é fortalecido depois da Bienal de Veneza de 1980. A partir de um pequeno grupo de artistas, o crítico italiano Achille Bonito Oliva elabora um novo contexto teórico que sucede o minimalismo e a arte conceitual, inscrevendo o que denomina Transvanguarda na história da arte moderna. A produção desse período problematiza a pintura e sua tradição, mas envolve uma pluralidade estilística e filosófica, uma diversidade de temas e repertórios que dificulta a sua configuração em um todo ou sua definição em uma escola ou movimento. Há uma busca de definir o presente em sua relação ao passado como forma de pensar novas possibilidades de produção, de subjetividade, comunicação e construção de novos significantes.

⁷ Funcionário da Galeria desde a sua criação. Artista Plástico, exerceu o cargo de Coordenador em vários períodos.

No Brasil, o fim do regime militar em 1984 e a volta da normalidade democrática, acabam com as restrições impostas à produção e à circulação de informação e cultura, gerando um grande otimismo onde se vê o crescimento da indústria cultural e a popularização das artes, especialmente as artes visuais. A exposição “Como vai você, Geração 80?”, montada na Escola de Arte do Parque Lage, no Rio de Janeiro, participa desse espírito. Aberta em 14.07.1984, apresenta 123 artistas de diversas partes do país, de idades e formações distintas, jovens pintores na sua maioria. Os trabalhos são aceitos unanimemente pela crítica e público como uma expressão da força renovadora das artes plásticas nacionais e demonstração de liberdade criadora dos artistas. Afirmavam também a vocação da arte brasileira à contemporaneidade, já que o resto do mundo também assistia à retomada da pintura. De grande impacto no momento, a mostra entra para a história das artes plásticas brasileiras contemporâneas como marco significativo da nova pintura. Em 1985, durante a XVIII Bienal Internacional de São Paulo, a curadora Sheila Lerner cria a sala “A grande tela”, quando sete artistas que participaram da exposição do Parque Lage são apresentados ao lado de algumas estrelas da cena internacional da época, como Enzo Cucchi, Gunter Rambow, Dukoupil, Salomé, Hubert Schibl. Eliminando fronteiras de tempo e espaço, Sheila Lerner engloba a pintura brasileira com as tendências pictóricas internacionais abordando um sentimento que permeia a globalização, a desterritorialidade da arte e a nova liberdade conquistada pelos brasileiros em virtude da abertura política.

Esse movimento de retomada da pintura na década de 1980/90, está representada no acervo da Galeria Homero Massena, segundo Almerinda Lopes⁸, “por obras de diferentes faturas, materiais e formulações construtivas” que podem remeter ao construtivismo, ao expressionismo, a paisagens imaginárias, criar sintaxes modulares ou explorar relações entre materiais.

Localizada na Cidade Alta no Centro de Vitória, próxima do Palácio Anchieta, da Catedral Metropolitana, das Capelas de São Gonçalo e Santa Luzia e do prédio do Arquivo Público Estadual, a Galeria Homero Massena integra um corredor cultural importante para a requalificação do centro antigo da cidade. Inicialmente adaptada ao local destinado à garagem, em setembro de 1989 passou por grandes modificações, com criação da reserva técnica e renovação do salão de exposições. Em 2006 o espaço físico da Galeria foi ampliado com a incorporação de todo o primeiro andar, que se tornou um espaço destinado a oficinas e palestras e abriga atualmente o primeiro “Ateliê de Pintura da Galeria Homero Massena”, prêmio conferido através de concurso público a jovens artistas que desenvolvem um projeto de pintura.

Desde a sua inauguração, a Homero Massena abrigou 384 exposições, 184 na década de 80, das quais, 94 de pintura ou pintura aliada a outra forma de expressão. Este número representa 51% das exposições do período, o que podemos inferir como uma sintonia dos artistas com a tendência geral da arte pela retomada da pintura, embora não possamos deixar de considerar a vocação pictórica da arte capixaba, especialmente a paisagística, como já referimos em parágrafos anteriores. Essa vocação se reflete ainda no perfil do acervo, constituído de 307 obras, sendo 156 pinturas. Não é nossa intenção neste trabalho, questionar a política de formação de acervo adotada pela Galeria, mas temos que considerar a influência dessa política na determinação da principal característica desse acervo, ou seja, a irregularidade quanto à qualidade das obras. O sistema de doação de uma obra em contrapartida pela utilização do espaço é adotado por boa parte das instituições,

⁸ LOPES, Almerinda. **O acervo da Galeria Homero Massena: 1977-2007**. In: Galeria Homero Massena: trinta anos. [S. l.: s. n.] 2007.

não só expositivas como museológicas no país. Mas se essa prática resolve a questão da aquisição, que muitas vezes só é viável através desse expediente, por outro, prejudica, ou mesmo inviabiliza que esses acervos construam um discurso coerente e representativo de um período ou movimento. Além disso, nem sempre é doado o melhor trabalho da exposição ou uma obra representativa da mesma, pois muitas vezes o próprio artista, por desconhecimento ou inexperiência, não tem consciência nem é orientado para a importância de ter uma obra que represente sua pesquisa no acervo de uma instituição. Outras vezes a própria instituição ainda não adquiriu credibilidade quanto à capacidade de guarda das obras, especialmente se ela ainda não tem tradição, caso da GHM nos anos 80. Isso determinado artista, o que não impede que possamos considerá-lo um importante painel das artes visuais capixaba, pois durante seus 31 anos de existência, a Galeria Homero Massena tem atuado como agente de difusão cultural, especialmente ao legitimar a produção de artistas emergentes.

Considerando a vocação paisagística que norteia a pintura capixaba, construímos uma ponte entre os precursores Levino Fanzeres e Momero Massena, pintores da geração 80/90 e alguns jovens artistas que começam a despontar no Estado. Nos anos 80 vemos pintores consagrados como Isabel Braga, Celina Rodrigues ou Francisco Schwarz sempre presentes exibindo paisagens naturalistas, mas são as pinturas de jovens artistas como Ivanilde Brunow, João Carneiro da Cunha, Lando, Hélio Coelho ou Regina Chulan, trazendo um olhar e repertório diversos sobre esse tema, que quebram a hegemonia da arte acadêmica na Capital. O caminho está aberto para a arte contemporânea, e como nosso objeto é a pintura, citamos duas mostras recentes apresentadas na Homero Massena nos anos de 2007 e 2008: Marcelo Gandini e Thiago Balbino constroem paisagens que refletem suas experiências no mundo, atribuindo-lhes sentido poético. Marcelo utiliza o suporte da fotografia para trabalhar desenho e pintura, já Thiago, usando os meios tradicionais da pintura, vale-se do embate entre esses materiais e a subjetividade de seus sentimentos para tornar visíveis as imagens que reverberam em seu íntimo sobre a realidade que o cerca. Ambos têm o cotidiano como matéria bruta da sua poética, e tal como aqueles, agora mestres, dos anos 80/90, escolheram e foram recebidos na Homero Massena para sua primeira mostra individual. Tal como naqueles anos, quando a Galeria era o único espaço que abrigava estudantes inexperientes, possibilitando-lhes além da oportunidade de mostrar seus trabalhos, a satisfação de serem aceitos em uma instituição, de terem contato com o público, a crítica, e até de aprenderem a preparar um portfólio e uma proposta de exposição, ainda hoje a Galeria Homero Massena cumpre essa missão, pois numa concorrência democrática, as exposições são selecionadas em atendimento a editais lançados anualmente e abertos ao público onde os projetos são avaliados por um critério pré-definido, igual para todos. Por permitir o acesso livre ao público, no que contribui para a construção da cidadania e acesso à cultura, pelo papel que desempenha na atualização da arte no Estado, pelo apoio que dá aos artistas e por ser um local de existência e resistência da arte nesses trinta anos, podemos dizer como Nenna⁹, que a GHM contém o DNA da arte contemporânea capixaba.

Referências bibliográficas

BOURRIAUD, Nicolas. Art. In: **Les années 80 d'anne bony**. Paris: Éditions du Regard, 1995. p. 51-171.

⁹ Artista Plástico, agitador cultural, escritor, roteirista, videoasta, atua no mundo da arte capixaba desde 1970.

CATÁLOGO OFICIAL **Como Vai você, Geração 80?** Revista Módulo Especial, jul/ag. RJ, 1984.

GALERIA HOMERO MASSENA: trinta anos – 1977/2007. Textos de Almerinda Silva Lopes e Maria Helena Lindenberg. Vitória: SECULT. [S.d.].

LINDENBERG, Maria Helena. A CST e seu acervo de Arte. In: **Arte na CST**. Vitória: Gráfica Santo Antônio, 2003 51 p.

_____. Resumo das Artes Plásticas no Espírito Santo, Século XX. In: **Relatório Anual Escelsa 1999**.

LOPES, Almerinda Silva. “Uma dama e três valetes na arte atual capixaba. In: INSTITUTO CULTURAL ITAÚ **BR/80 – Pintura Brasil década 80**. São Paulo: [s.ed], 1991.

_____. Resumo da história da Arte no Espírito Santo: Século XX. In: **Relatório Anual Escelsa 1999**.

_____. **A escola de Belas Artes e o contexto artístico capixaba no iníciodos anos 50.** [br.geocities.com/anpap_2004/textos/chtca/ Almerinda_silva.pdf](http://br.geocities.com/anpap_2004/textos/chtca/Almerinda_silva.pdf) (acesso em 10.11.2008).

Relatório Anual Escelsa, 1999.